



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS**

**ESCREVIVÊNCIAS DIGITAIS E (RE) INVENÇÕES DE MATERNIDADES NEGRAS**

**Edilene de Cássia Jerônimo**

Ouro Preto - MG

2023

**Edilene de Cássia Jerônimo**

**ESCREVIVÊNCIAS DIGITAIS E (RE) INVENÇÕES DE MATERNIDADES NEGRAS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Educação das Relações Étnico-Raciais: História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para a obtenção do título de especialista em educação para as relações étnico raciais.

Orientadora: Profa. Dra. Janete Flor de Maio  
Fonseca

Ouro Preto - MG  
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

J56e Jerônimo, Edilene de Cássia.  
Escrevivências digitais e (re)invenções de maternidades negras.  
[manuscrito] / Edilene de Cássia Jerônimo. - 2023.  
26 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Janete Flor de Maio Fonseca.  
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro  
Preto. Departamento de Educação e Tecnologia.

1. Mães negras. 2. Redes sociais on-line. 3. Maternidade. 4.  
Escrevivências. I. Fonseca, Janete Flor de Maio. II. Universidade Federal  
de Ouro Preto. III. Título.

CDU 305

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Edilene de Cássia Jerônimo**

### ESCREVIVÊNCIAS DIGITAIS E (RE) INVENÇÕES DE MATERNIDADES NEGRAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós Graduação Lato Sensu em *Educação das Relações Étnico Raciais: História e Cultura Afro Brasileira e Indígena* da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de *Especialista* .

Aprovada em 05 de junho de 2023

#### Membros da banca

Profa. Dra. Janete Flor de Maio Fonseca - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto  
Profa. Ms. Áquila Bruno Miranda - Universidade Federal de Ouro Preto  
Profa. Dra. Cassandra da Silva Muniz - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Janete Flor de Maio Fonseca , orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/07/2023



Documento assinado eletronicamente por **Janete Flor de Maio Fonseca, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/07/2023, às 19:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0) , informando o código verificador **0563415** e o código CRC **2C4FBA9D**.

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar e refletir sobre produções de escrituras digitais no Instagram, a partir da maternidade negra. Para tanto, utilizou-se o método da observação (Marconi; Lakatos, 1990) e a base teórica sobre escrituras e memória, tendo como base a autora Conceição Evaristo (2005; 2007; 2017; 2020; 2021); sobre internet e ativismo a partir de Recuero (2009), Barros (2009), Carneiro (2003), Silva (2019), Oliveira (2016) e Lugones (2014). Em seguida, trataremos a concepção sobre maternidade, a partir de Davis (2016) e Collins (2019); e sobre mulheres negras brasileiras a partir de Evaristo (2005) e Pinheiro et al. (2019). Como resultado, pôde-se verificar as diversas (re)invenções da maternidade negra, a partir das postagens do Instagram e refletir sobre as possibilidades e contribuições da escritura para pesquisas acadêmicas. A partir das narrativas, foi possível identificar como a produção de verdades se insere em nosso cotidiano e como ficcionamos a todo momento criando e recriando cognições de mundo e de sociedade.

Palavra chave: Educação; Escrituras; Mães Negras; Redes sociais;

## ABSTRACT

The present article aims to present and reflect on productions of digital *escrevivências* on Instagram, focusing on black motherhood. For this purpose, the observation method (Marconi; Lakatos, 1990) and the theoretical foundation on *escrevivências* and memory, based on the author Conceição Evaristo (2005; 2007; 2017; 2020; 2021); on internet and activism from Recuero (2009), Barros (2009), Carneiro (2003), Silva (2019), Oliveira (2016), and Lugones (2014) were used. Next, we will discuss the conception of motherhood based on Davis (2016) and Collins (2019); and about Brazilian black women based on Evaristo (2005) and Pinheiro et al. (2019). As a result, the diverse (re)inventions of black motherhood were identified, based on Instagram posts, and reflections were made on the possibilities and contributions of *escrevivência* to academic research. Through the narratives, it was possible to identify how the production of truths is inserted in our daily lives and how we constantly fictionize, creating and recreating cognitions of the world and society.

**Keyword:** Education; *Escrevivências*; Black Mothers; Social Media;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Postagem de Carolina	17
<b>Figura 2</b> – Postagem de Carolina	18
<b>Figura 3</b> – Postagem de Sueli	19
<b>Figura 4</b> – Postagem de Beatriz	20

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A ESCRITA COMO UM PROCESSO DA MEMÓRIA.....</b>	<b>10</b>
<b>3 REDES SOCIAIS E MATERNIDADES NEGRAS.....</b>	<b>13</b>
<b>4 METODOLOGIA E ANÁLISE.....</b>	<b>16</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tenho dito que tudo que escrevo, crítica, ensaio, escrita literária, toda minha criação **surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira**. As escolhas temáticas, o vocabulário, as personagens, os modos de construção das mesmas, o enredo, nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência. **Escrevo uma vivência, que pode ser ou não, a real, a vivida por mim, mas que pode se con(fundir) com a minha. [...] São memórias ficcionalizadas.** (EVARISTO, 2017, p.7, grifos nossos)

O meu interesse em realizar o estudo sobre maternidade negra surge, a partir de minha graduação em Ciências Sociais<sup>1</sup>, no trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado “HOJE VIVO MAIS PARA ELES! Maternidade e Avoternidade Negra em Viçosa-MG”, que teve como objetivo analisar a experiência de mães e avós a fim de entender quando e se elas conseguem exercitar a maternidade de forma que considerem satisfatória. A pesquisa também se entrelaça ao fato de eu ser uma mulher negra, educadora, mãe e vivenciar cotidianamente as alegrias e dificuldades da maternidade negra.

Ao relacionar o tema com as discussões estabelecidas na disciplina EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS, do curso de PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICORACIAIS: HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA, ofertado pelo Núcleo de estudos afro-brasileiros e indígenas da Universidade Federal de Ouro Preto (NEABIUFOP) em parceria com o Centro de Educação Aberta e à Distância (CEAD) da UFOP, me propus, neste texto a: 1) apresentar e refletir sobre produções de escrevivências digitais no Instagram, a partir da maternidade negra; 2) refletir acerca das produções de escrevivências sobre a maternidade negra e 3) entender as escrevivências presentes nas dinâmicas das maternidades negras expressas através do ciberativismo.

Como escrevivências, entendemos, a partir da concepção de Conceição Evaristo<sup>2</sup> (2015), que é o ato de relatar, descrever uma experiência, uma história. As escrevivências digitais, seguindo este contexto, seria o ato de, a partir da internet, relatar um acontecimento, seja através de texto ou áudio, podendo ser acrescido de imagens.

---

<sup>1</sup> Sobre mim: Mulher negra, mãe e professora de educação básica. Mestranda em Educação na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Licenciada e Bacharela em Ciências Sociais. Licenciada em História pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Integrante do Núcleo de estudos afrobrasileiro NEAB Viçosa, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Raça (EDUCAGERA). E-mail:edilenejeronimo57@gmail.com.

<sup>2</sup> Utilizo o primeiro nome e sobrenome das autoras, ao menos na primeira vez que cito seus textos como forma de dar visibilidade a suas falas, visto que ao usar somente o sobrenome posso contribuir para a invisibilidade de produção acadêmica de mulheres.

Sendo assim, a maternidade, a partir deste contexto, tem possibilitado às mães negras espaços de interação e de comunicação que quebram barreiras geográficas, culturais e educacionais. As interações nas redes sociais potencializam suas vivências e memórias, o que possibilita aprendizado, experiência e construção de (re)invenção de maternidades negras.

O artigo será dividido em tramas de múltiplas camadas que costumam, constroem, reconstroem e inventam maternidades, vivências, saberes e aprendizados, a partir das escrevivências. Portanto, iniciaremos trazendo a perspectiva sobre escrevivências e memória (EVARISTO; 2005; 2007; 2017; 2020; 2021), sobre internet e ativismo, a partir de Recuero (2009), Barros (2009), Carneiro (2003) , Silva (2019), Oliveira (2016) e Lugones (2014).

Em seguida, traremos a concepção sobre maternidade a partir de Angela Davis (2016) e Patricia Hill Collins (2019) e sobre mulheres negras brasileiras, a partir de Evaristo (2005) e Pinheiro et al. 2019. Por fim, apresentaremos a metodologia e a análise das escrevivências e traremos algumas apreciações sobre maternidade, a partir das postagens das mães negras aqui supracitadas. Assim, apresentaremos as suas construções de realidade e seus modos de produzirem maternidades negras.

## 2 A ESCRITA COMO UM PROCESSO DA MEMÓRIA

As narrativas apresentadas a partir da escrevivência nos possibilitam conhecer novas histórias e cotidianos, deste modo, tecer estudos sobre esta metodologia nos proporciona contato com o inesperado e nos conduz a agenciamentos, tramas, raízes múltiplas a partir de uma invenção de sentido de si e sobre o mundo.

Neste sentido, o cotidiano tem grande influência no processo de escrita, pois quando escrevemos não fazemos de um local isolado, mas sim a partir de uma complexidade cultural, social, política, educacional e de gênero, assim, as práticas corriqueiras, comuns, que geralmente passam despercebidas estabelecem um campo amplo de pesquisa. Pois como afirma Evaristo (2021, p. 8), o termo escrevivência “é criado inclusive de uma vivência, de uma experiência, de uma condição, de uma memória ancestral, de uma memória histórica”. Assim, os espaços fabricados sempre estão em movimento, em constante alteração, são locais vividos, pensados e cheios de significações.

Ao refletir, fantasiar, interpretar e inventar possibilidades cotidianas, estamos construindo novas narrativas e fabulações, assim sendo, a escrevivência enquanto recurso educativo, proporciona engajamento, uma vez que, “escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo” (EVARISTO, 2005, p. 21).

Para Zelinda Barros (2009), a internet é uma tecnologia capaz de desenvolver novas formas de interação social e também é uma ferramenta importante na preservação dos direitos sociais e políticos de diversos grupos. Para a autora:

O ativismo digital marca sua posição no cyberspaço através de sua filiação ideológica, que pode não ser necessariamente de caráter partidário, mas refere-se à defesa de uma causa em torno da qual pessoas e instituições são intencionalmente mobilizadas. A dinâmica do ativismo digital é multidirecional e aponta para a ampliação do alcance das iniciativas, na medida em que tanto permite consolidar a atuação de grupos já atuantes fora do cyberspaço como para os que fazem o movimento contrário, ou seja, iniciam no mundo virtual e se ramificam para organizações dotadas de materialidade geográfica. (BARROS, 2009, p. 7 - 8)

Neste sentido, pensar a maternidade a partir das escrevivências digitais de mulheres negras, pode evidenciar várias possibilidades a partir do ponto de referência que se utiliza. Pois, quando se trata de mulheres negras, as vivências trazem peculiaridades que se tornam relevantes quando consideradas as questões raciais, sociais e históricas. Evaristo (2005) chama a atenção para como as mulheres negras brasileiras são visualizadas a partir de estereótipos, ao descrever que:

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e Maria, e que o corpo da mulher se salva pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido (EVARISTO, 2005, p. 2).

A internet, como um local de disseminação e partilha de informações, vivências e cotidianos, possibilita que mães negras construam e potencializem outros olhares sobre o mundo e reverberem a construção de discursos sobre a maternidade negra nas redes sociais. Diante disso, as escrevivências digitais surgem a partir da dinâmica entre a sociedade e as tecnologias, com o intuito de propiciar outras possibilidades de interação que não seja a presencial, pois “se antes a fala da mulher negra ficou condicionada a uma oralidade, hoje ela tem também a escrita. E ter a escrita é justamente apropriar das armas da casa grande.” (EVARISTO, 2021, p. 7).

As mídias sociais favorecem os processos de comunicação pelas possibilidades de interação à distância e em tempo real, em que é possível compartilhar saberes, experiências e vivências de pessoas com realidades diferentes das nossas, criando disputas, rivalidades, comunidades, redes e ativismo on-line. Segundo Sueli Carneiro:

As mulheres negras vêm atuando no sentido de não apenas mudar a lógica de representação dos meios de comunicação de massa, como também de capacitar suas lideranças para o trato com as novas tecnologias de informação, pois falta de poder dos grupos historicamente marginalizados para controlar e construir sua própria representação possibilita a crescente veiculação de estereótipo e distorções pelas mídias eletrônicas ou impressas. (CARNEIRO, 2003, p. 126)

As redes sociais podem funcionar como espaço para que as mulheres negras pleiteiem direitos raciais, sociais, participação política; e também para que compartilhem vivências e saberes. Assim, nos interessa entender as escrevivências presentes nas dinâmicas das maternidades negras expressas através do ciberativismo. Interessa-nos, além disso, acompanhar as escrevivências a partir de uma “[...] fabricação complexa de aparatos, de tecnologias, de linguagens, ecologias, regras, territórios, temporalidades, musicalidades, estéticas, tradições, ritmos existenciais... que modelam (e são modelados) formas de pensar e maneiras de agir” (SIMONINI, 2019, p. 14)

Deste modo, quando nos propomos a trabalhar com a escrevivência, não nos preocupamos inicialmente em como o texto narrativo é construído, ou seja, quais palavras são utilizadas, quais estruturas e elementos contêm a escrevivência, mas sim como ele se produz enquanto um “instrumento mental de construção de realidade” (BRUNER, 1991, p. 9). A

realidade, como um fato visível, como, por exemplo, a gravidez, pode ser visualizado por todos enquanto um fenômeno biológico que acontece todos os dias, algo comum, porém, quando uma pessoa narra sobre a maternidade, localizando quais experiências a tocaram, quais as dinâmicas cotidianas, as alegrias e tristezas de ser uma mãe, a responsabilidades com os filhos, essas narrativas tornam-se instrumentos mentais de construção de realidade.

### 3 REDES SOCIAIS E MATERNIDADES NEGRAS

A popularização das redes sociais (*Facebook, Instagram, Twitter*) possibilitou uma variedade de interações para a população mundial. Através de fotos, de vídeos, de textos, conseguimos expor nossos pensamentos, nossos cotidianos e nossas culturas, sem a preocupação com as barreiras geográficas e temporais. Conforme pontua Recuero, o estudo das redes sociais:

[...] fornece ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço: permite estudar, por exemplo, a criação das estruturas sociais; sua dinâmica, tais como a criação de capital social e sua estrutura e, mesmo, as diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos. [...] No Brasil, essa abordagem ainda é pouco conhecida. Em parte, porque vários dos estudos básicos em redes sejam repletos de fórmulas e desenvolvimentos matemáticos, que notoriamente apresentam uma grande dificuldade de compreensão para os pesquisadores das Ciências Sociais [...]. Na realidade, a força da abordagem de redes sociais está em sua necessidade de construção empírica tanto qualitativa quanto quantitativa que busca, a partir da observação sistemática dos fenômenos, *verificar padrões* e teorizar sobre os mesmos (RECUERO, 2009, p. 20-21, grifos da autora).

A escolha da rede social *Instagram* como local para acompanhamento dos dados, deu-se pela popularização da rede e devido ao seu formato de postagens. O compartilhamento de fotos e de vídeos (IGTV), acompanhados de *hashtags*<sup>3</sup>, possibilita que postagens de pessoas diferentes fiquem agrupadas em um só local, facilitando, assim, a sua busca e visualização. Sobre isso Silva enfatiza que:

O que se percebe é que a internet vem possibilitando que práticas feministas e negras sejam construídas e fortalecidas, possibilitando assim que ciberativistas negras possam construir resistências dentro e fora do ciberespaço. Isso vem acontecendo através de Hashtags e campanhas virtuais, Grupos e páginas nas redes sociais exclusivo para o público em questão, campanhas e mobilizações, desenvolvimento de programas e/ ou plataformas digitais e desenvolvimento de mecanismos virtuais de denúncia, dentre outras coisas (SILVA, 2019, p. 81-82)

A facilidade de localizar as mães negras através das *hashtags* propicia entender como a maternidade é compreendida por elas, se há dificuldade no exercício da função, se a carga de trabalho fora do domicílio tem influência, se há peculiaridades da educação dos filhos, dificuldade nas vivências raciais e sociais, dentre outras questões norteadoras para se entender a maternidade negra.

A primeira questão a ser desenvolvida é entender como o processo histórico brasileiro influencia em como a maternidade é visualizada, uma vez que pensar na construção da

---

<sup>3</sup> A *hashtags* é visualizado através do símbolo #, conhecido popularmente no Brasil como “jogo da velha”.

maternidade negra brasileira, a partir do período escravocrata, nos ajuda a entender como o processo vem se estabelecendo durante estes anos e como ele se configura nos dias atuais. Segundo Davis (2016), a maternância, no período colonial, apresenta-se como um local em que as mulheres negras não tinham a possibilidade de exercer a maternidade, pois elas eram consideradas somente como reprodutoras de novas mãos de obra, “[...] aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo.” (DAVIS, 2016, p. 26).

Assim, segundo Collins (2019), a possibilidade de exercer a maternidade pode se tornar uma forma de resistência política, visto que foi e ainda é necessário superar várias formas de opressão (raça, gênero e classe) para se ter direito à maternidade (não no sentido de gerar uma criança, mas sim na possibilidade de estar presente na criação dos filhos).

Relevante salientar que 63% das trabalhadoras domésticas são negras (Pinheiro et al., 2019) e que “[...] do ponto de vista do discurso, as mulheres negras “podem estar onde quiserem; na prática, porém, a realidade as direciona, de maneira desproporcional, a trabalhos como o serviço doméstico remunerado, com toda a precariedade e exploração que lhe são característicos.” (PINHEIRO et al. 2019, p. 12). Ainda no que tange ao trabalho, é propício relatar que as consequências degradantes do ponto de vista psicológico e físico do trabalho doméstico (remunerado ou não) muitas vezes são omitidas em pesquisas acadêmicas (COLLINS, 2019). Assim, é importante que esses dados sejam apontados nas pesquisas, para que se possa construir uma nova visão e uma problematização sobre o fato.

Sendo assim, a maternidade pode ser visualizada a partir das opressões sofridas pelas mulheres negras, que inclui a atividade doméstica que não é valorizada no Brasil, o cuidado das famílias brancas, enquanto seus filhos não recebem sua atenção, ou pela valorização das experiências maternas e ressignificações das concepções estabelecidas (COLLINS, 2019). Nesse sentido, as redes sociais, como dispositivo de interação e de divulgação de informações, têm se tornado uma possibilidade para o ativismo materno dessas mulheres negras, pois a partir dessas redes, elas alcançam outras mulheres para compartilharem e aprenderem novas concepções e olhares sobre si e sobre a comunidade.

Sobre o ativismo negro nas/em redes sociais, Oliveira (2016, p. 813) cita que é necessário que as mulheres negras “escrevam suas histórias, e onde a experiência é o centro que orienta a produção das teorias, as produções têm conseguido conduzir outras mulheres negras a buscar na literatura a resposta para os seus anseios”. Corrobora ainda a perspectiva de Maria Lugones ao especificar que:

Não se resiste sozinha à colonialidade do gênero. Resiste-se a ela desde dentro, **de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada** e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento. Comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; **alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista. O passar de boca em boca, de mão em mão práticas, valores, crenças, ontologias, tempo-espacos e cosmologias vividas constituem uma pessoa.** A produção do cotidiano dentro do qual uma pessoa existe produz ela mesma, na medida em que fornece vestimenta, comida, economias e ecologias, gestos, ritmos, habitats e noções de espaço e tempo particulares, significativos (LUGONES, 2014, p. 949).

As escrevivências nas redes sociais trazem a possibilidade de gerar visualização de pautas solicitadas por essas mulheres, o que gera a possibilidade de ouvir as vozes que antes eram silenciadas, colocar em pautas assuntos que antes não eram discutidos e possibilita a criação de políticas públicas e sociais voltadas para esta população. Ou seja, pensar a partir das multiplicidades de perspectivas femininas negras.

#### 4 METODOLOGIA E ANÁLISE

A pesquisa utilizou o método da observação que consiste em analisar, investigar os dados da pesquisa valendo-se de seus sentidos para averiguar a realidade estudada, pois, como válida as autoras “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também de examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (MARCONI; LAKATOS, 1990, p. 221).

Logo, a pesquisa será de cunho qualitativo pela necessidade de estabelecer as especificidades e semelhanças entre cada fenômeno social, levando em consideração os sentimentos e os significados culturais e simbólicos do grupo pesquisado. Segundo Mirian Goldenberg (2004), é necessário olhar o mundo de forma diferente, desnaturalizar o que é naturalizado através da nossa cultura e passar a questionar as nossas próprias ações.

Os dados coletados por observação referem-se aos comportamentos exibidos pelo sujeito: contatos físicos com objetos e pessoas, vocalizações, expressões faciais, movimentações no espaço, posturas e posições do corpo etc. Os dados referem-se também à situação ambiental, isto é, às características do meio físico e social que o sujeito se encontra, bem como às mudanças que ocorrem no mesmo. (DANNAS; MATOS, 2006, p. 14).

Neste sentido, a observação pode ajudar a identificar quais as influências do ambiente ou da comunidade no comportamento do indivíduo. Desse modo, o conhecimento da cultura e do cotidiano nos ajudaram a compreender como a realidade do grupo é construída.

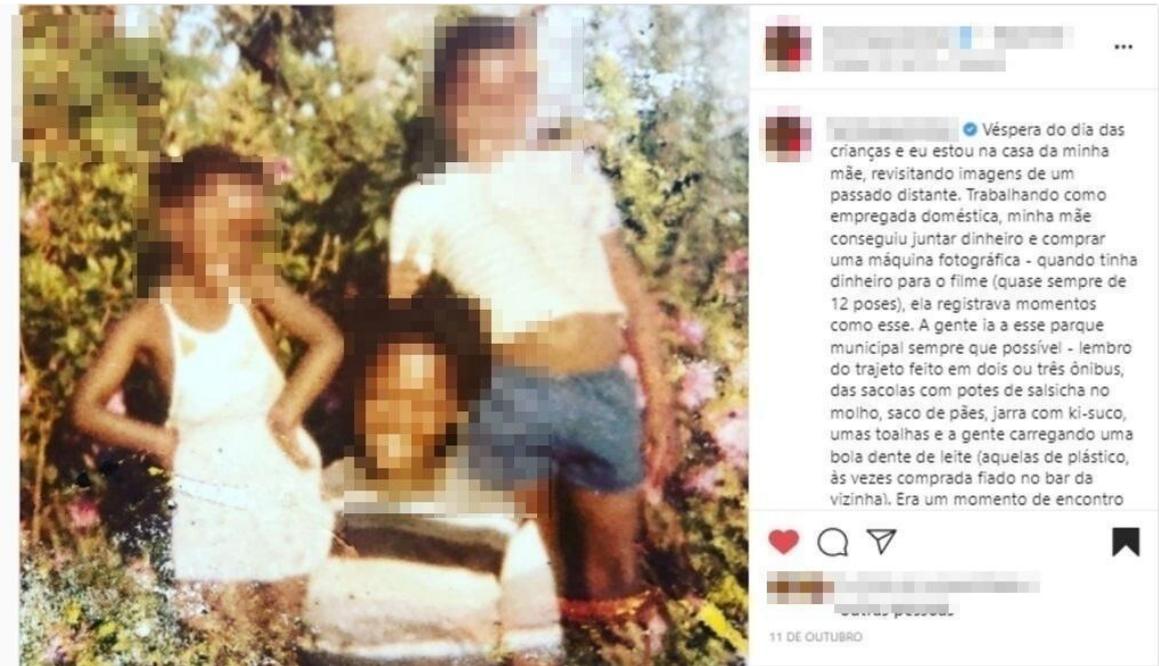
Nessa perspectiva metodológica, a pesquisa foi dividida em três (3) etapas, as quais são: (I) a fundamentação teórica sobre as tecnologias de informação, o Instagram, as escrevivências e a maternidade; (II) o levantamento das escrevivências digitais e (III) a observação dos dados a partir das postagens com as *hashtags* #maternidadenegra e #maternidadepreta. Para a localização dos dados, foi utilizado o próprio *Instagram*, pois o aplicativo possui o campo “Explorar” (representado simbolicamente pela lupa), que traz a possibilidade de pesquisa, tanto por relevância, como por postagens mais recentes.

Dessa maneira, a investigação das escrevivências ocorreu no período de outubro a novembro de 2022 e as variáveis aplicadas para escolha foram: postagens voltadas diretamente ao tema maternidade, criação de filhos, trabalho e maternidade e ativismo on-line. Para garantir o sigilo da identidade das mães, utilizamos os seguintes nomes fictícios: Carolina, Sueli e Beatriz e selecionamos quatro (4) postagens para a análise e observação das escrevivências, sendo duas (2) da Carolina, uma (1) da Sueli e uma (1) da Beatriz.

A primeira e segunda escrevivências são da Carolina. Ela tem, atualmente, 104 mil seguidores (última atualização realizada em 16/01/2023). Na *bio*, que é onde constam as

informações pessoais do perfil de sua rede, há os nomes dos filhos (1 menino e 1 menina) e o do esposo. Em seguida: “família, afetividade, cuidado, educação antirracista e ancestralidade” – esta frase resume bem os conteúdos postados por ela.

**Figura 1** – Postagem de Carolina



Fonte: Instagram, 2021

A imagem acima (Figura 1) foi postada no dia 11 de outubro de 2021. Ela retrata uma mulher negra e duas meninas e, ao fundo, uma paisagem com árvores. Na legenda, consta a seguinte escrivência:

Véspera do dia das crianças e eu estou na casa da minha mãe, revisitando imagens de um passado distante. Trabalhando como empregada doméstica, minha mãe conseguiu juntar dinheiro e comprar uma máquina fotográfica – quando tinha dinheiro para o filme (quase sempre de 12 poses), ela registrava momentos como esse. A gente ia a esse parque municipal sempre que possível – lembro do trajeto feito em dois ou três ônibus, das sacolas com potes de salsicha no molho, saco de pães, jarra com ki-suco, umas toalhas e a gente carregando uma bola dente de leite (aquelas de plástico, às vezes comprada fiado no bar da vizinha). Era um momento de encontro com os primos e as primas mais próximas, de disputar a balança e a gangorra, de sentar debaixo de uma árvore e com alguma sorte ganhar um picolé no meio do dia. Olhando pra essa imagem, lembro que tive uma infância feliz, sabe? Sou grata! Esta data te traz lembranças felizes? Me conta! (INSTAGRAM, 2021, *on-line*)

A postagem teve 103 comentários. Dentre eles, houve relatos da infância das seguidoras, exaltação das “belezas” na foto e comparação da semelhança física entre mãe e filha.

**Figura 2 – Postagem de Carolina**



Fonte: Instagram, 2021

A segunda imagem refere-se a uma mulher e uma menina se abraçando, com expressões felizes nos rostos. A postagem é do dia 07 de outubro de 2021, a qual contém a seguinte escrivência:

Mãe e filha passando na sua timeline sorrindo APESAR de viverem num país onde o (des)governo veta atendimento público com absorventes higiênicos para meninas e mulheres em situação de vulnerabilidade social.  
 Eu fico hoje com a poesia cantada de @cantanina:  
 DANDARA DO MEU QUILOMBO  
 ME FAZ LIVRE VOAR  
 RAINHA DO MEU CONGO  
 ME DÁ FORÇAS PRA LUTAR  
 Que essa imagem seja o afago necessário para que o desânimo, a raiva, a revolta e o cansaço diante da misoginia se transforme em luta.  
 Dê cá um abraço. (INSTAGRAM, 2021, *on-line*)

No que se refere à postagem associada à figura 2, houve 87 comentários na foto, dentre eles, destaco os comentários que ressaltam a necessidade da luta das mulheres sobre as afirmativas da importância da demonstração de afeto e as perspectivas de um futuro melhor.

A terceira escrivência é de Sueli que, atualmente, tem 46,4 mil seguidores (última atualização realizada em 16/01/2023). Em sua *bio*, ela afirma que é criadora de conteúdo

digital sobre maternidade e beleza. Como mãe solo e mãe de um menino, as principais postagens referem-se à maternidade solo e empreendedorismo.

**Figura 3 – Postagem de Sueli**



Fonte: Instagram, 2021

Essa terceira postagem mostra a imagem de uma mulher na praia brincando com um menino, a qual foi realizada em 08 de novembro de 2021 e conta com o seguinte texto narrativo:

Não vou mentir, estar sozinha parece assustador, principalmente quando entramos nas questões financeiras que normalmente são apavorantes (pois criar um filho com o mínimo de dignidade é caríssimo). Mas não é impossível. Existirão momentos angustiantes, e é nessas horas que a mãe solo precisa estruturar sua força como mãe e seus objetivos como mulher. Foco e planejamento são a chave do sucesso, e, principalmente, o desapego da tradicional romantização da mãe perfeita; ela não existe.

Obviamente, um pouco mais de empatia e sororidade seriam muito bem-vindos, afinal, precisamos arrancar pela raiz esse mito de que criar um filho em carreira solo é uma “consequência” negativa de uma relação que não deu certo, mas sim, o resultado positivo da sua plenitude como mulher. (INSTAGRAM, 2021, *on-line*)

Foram realizados 65 comentários na postagem, dentre eles, elogios sobre o texto, sobre a foto e sobre a prática de maternidade da Sueli.

Por fim, a última escriturista é de Beatriz, que se descreve como “Mãe, preta, do subúrbio” – ela tem três (3) filhos (um deles falecido). Com 36 mil seguidores (última atualização realizada em 16/01/2023), as principais temáticas de seu perfil são sobre políticas públicas para maternidades e infância. Ela é filiada ao Movimento Negro Unificado (MNU) e atualmente ocupa um cargo público.

**Figura 4** – Postagem de Beatriz



Fonte: Instagram, 2020

Essa quarta imagem é de uma mulher com duas crianças – uma no colo e a outra sentada em sua frente. A postagem foi realizada em 30 de junho de 2020 e apresenta o seguinte texto narrativo:

UMA MÃE LAMBENDO SUAS CRIAS NÃO QUER GUERRA COM NINGUÉM...

...e você já pensou sobre quando chama um mãe de “GUERREIRA”? De qual perspectiva você está observando?

No contexto social, político e cultural em que vivemos, é um absurdo sermos obrigadas a aceitar o rótulo de “GUERREIRAS”. Mães, sobretudo as pobres, pretas e periféricas, são uma IMENSA parte da população SOBREVIVENTE das mais diversas ausências, negligências e violências por parte de toda a sociedade, e ainda assim conseguimos manter outras tantas vidas VIVAS!

Precisamos combater essa imagem de controle negativa que ROMANTIZA o nosso sofrimento e colabora para ENFRAQUECER E VULNERABILIZAR quem geralmente sustenta um EXÉRCITO DE UMA MULHER SÓ, sempre a postos para uma guerra que nunca escolheu lutar.

Para isso, é importante mudar o referencial e entender que é possível construir imagens positivas para as mães, onde possamos nos autodeterminar e sejamos reconhecidas como o centro da POTÊNCIA que gera, nutre e mantém vidas.

Eu tenho buscado reprogramar a MATERNIDADE através da AFROSPERSPECTIVA e do conceito de MATRIGESTÃO, que nos ensinam que as mães sempre foram PODEROSAS, protagonistas dos mais diversos papéis de

liderança: grandes MÃES, rainhas, guerreiras, governantes capazes de escolher suas batalhas, defender suas causas e governar sua vidas, fortalecendo e regenerando toda a sua comunidade!

E você tá preparada ou preparado para mudar a sua lente quando olha para as mães?  
(INSTAGRAM, 2021, *on-line*)

Na postagem, houve 44 comentários, dentre eles, o de uma mãe agradecendo pelo aprendizado e pelos novos olhares sobre a maternidade e sobre o conceito de mãe guerreira.

Nas postagens trazidas para esse texto, podemos visualizar que as escrituras trazem questões cotidianas e constroem formas distintas de maternidade que perpassam a valorização das experiências maternas através da memória, da opressão e da luta das mulheres. No primeiro texto, a Carolina evoca suas memórias para contar sobre um fato que ocorreu há vários anos, para isso, ela detalha objetos, locais e sentimentos; revive momentos; e traz à tona sua realidade.

Evaristo (2017), ao falar sobre a “ficção da memória”, estabelece que ela ocorre a todo momento, pois nossa memória cria, inventa, mesmo em histórias “reais”. Passamos o tempo todo recriando histórias, momentos, incluindo e esquecendo – dessa forma, não estamos mentindo, mas sim, contando a nossa realidade sobre o fato. Quando narramos estamos (re) inventando uma realidade. Desse modo, Carolina pondera sobre o trabalho doméstico, traz a reflexão acerca da construção de memórias afetivas e, ao final do texto, faz uma pergunta, a fim de provocar pensamentos, reflexão, alteração de percepção sobre tempo e memória. Isso porque, ao escrever sobre as tessituras que a compõem, ela nos convida não só a visitar suas realidades, mas também a relembrar e a produzir as nossas realidades de infância.

A segunda postagem compõe uma problemática, que foi fortemente debatida no Instagram<sup>4</sup>, que se refere a quando o ex -presidente brasileiro (Jair Messias Bolsonaro) vetou a previsão de distribuição gratuita de absorventes femininos para estudantes de baixa renda e pessoas em situação de rua. Carolina traz, em sua escrita, a indignação sobre o quadro político brasileiro e evidencia um debate necessário que é o da pobreza menstrual. De acordo com Luiza Moreira (2021, p. 27) “não há como uma questão que afeta praticamente metade da população não estar na agenda pública, e continuar a ser tratada e estigmatizada como uma questão de foro particular”.

Desse modo, visualizamos como as escrituras produzidas em redes encaminham-se como forma de ativismo, uma vez que a narradora expõe o apoio a uma causa específica e tensiona outras pessoas a pensarem sobre o tema. Sobre isso, é relevante pontuar,

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/07/bolsonaro-veta-distribuicao-de-absorventes-a-estudantes-e-mulheres-pobres>. Acesso em: 20 jul. 2023.

conforme destaca a autora Nathaly Fernandes (2019, p. 135), que as mídias sociais tornam-se “[...] estratégia de emancipação e resistência, pois produzem conhecimentos e espalham informações, que auxiliam na desconstrução do discurso racializado, possibilitando a discussão sobre pautas relevantes às mulheres negras”. Desse modo, as perspectivas da terceira e quarta postagens, ao tratarem sobre maternidade solo, questões financeiras e problematização da maternidade, constituem um outro olhar sobre a realidade das mães.

Através dessa discussão, é possível ressaltar que a maternidade solo é um exemplo da idealização da mulher enquanto forte, guerreira e batalhadora, de forma a mascarar uma realidade dura e cruel. Ao falar sobre o termo mãe solteira, como normalmente é utilizado, a autora Oyèrónké Oyèwùmí especifica que no Ocidente “[...] mães são, antes de tudo, esposas” (Oyèwùmí, 2004, p. 5), desse modo, essa seria a única explicação para se utilizar a terminologia.

Não existe um ideal universal de família e nem de maternidade negra, mas sim, várias formas de pensar sua constituição, assim como abordado na postagem quatro (4), quando questionada a naturalização do termo “mãe guerreira” e explicitadas as consequências e problemáticas de sua utilização, bem como a afroperspectiva e matrigestão como um outro olhar sobre a maternidade.

Renato Nogueira (2014, p. 45) configura a afroperspectiva ou filosofia da afroperspectiva como “uma linha ou abordagem filosófica pluralista que reconhece a existência de várias perspectivas. Sua base é demarcada por repertórios africanos, afrodiapóricos, indígenas e ameríndios”, já a matrigestão é conceituada pelas filólogas Aza Njeri e Katiuscia Ribeiro (2019, p. 600) como “o papel das mães africanas como líderes na luta pela recuperação, reconstrução e criação da integridade cultural negra, que defenda os princípios keméticos de Maat, de reciprocidade, equilíbrio, harmonia, justiça, verdade, integridade e ordem.”.

Deste modo, quando é problematizado a não utilização da afroperspectiva e da matrigestão no cotidiano e, aqui, acrescentamos nos currículos escolares, questiona-se que esta visão deveria estar presente no dia a dia como uma forma de valorização da cultura africana e afro-brasileira e como forma de resistência ao racismo. Questiona-se também que a maternidade deve ser ressignificada e pensada a partir de questões raciais e de gênero, baseado nas ancestralidades negras e indígenas. Neste sentido, a matrigestão compreendida como uma possibilidade de entendimento da feminilidade, maternidade, cuidado com os filhos, não como algo único e distinto em todas culturas, ou seja, uma cânone pretensamente universal, mas sim entendendo sua pluriversalidade e possibilidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises sobre as escrituras de mães negras no *Instagram* nos possibilitaram verificar as várias (re)invenções sobre as maternidades negras e a refletir sobre as possibilidades e contribuições da escritura, como possibilidade capaz de conduzir reflexões sobre a temática. Ao longo dos processos de seleção dessas escrituras, foi possível identificar como as produções de verdades estão inseridas em nosso cotidiano e como fabulamos, a todo momento, enquanto criamos e recriamos percepções sobre o mundo e sobre a sociedade.

A postagem da Carolina nos proporciona olhar para o passado e verificar como a sua construção de maternidade perpassa o olhar pela infância e pela maternidade realizada pela sua mãe. Desse modo, ela relembra detalhes minuciosos sobre um episódio cotidiano, construindo, assim, uma escritura ficcionada sobre a sua vivência. Em seguida, na segunda postagem, verificamos a construção de escrituras com viés político e o uso das redes sociais como possibilidade de luta, de resistência e de empoderamento.

A terceira e quarta postagem, de Sueli e Beatriz (respectivamente), colocam em evidência as dificuldades da maternidade, as problemáticas das mães solo e os questionamentos sobre o termo “mãe guerreira”. Elas trazem novas realidades a serem consideradas, de acordo com suas lentes, sobre a sociedade e a maternidade. Dessa forma, apesar das três mães olharem a maternidade a partir de pontos específicos, elas inventam possibilidades, reflexões e intensidades.

As redes sociais, em especial o *Instagram*, proporcionam um local de apoio e compartilhamento de vivências, contribui para divulgação de informações e facilita e amplia o apoio a diversas pautas relevantes para a comunidade negra e para as mães. Assim, essas mulheres, que por muito tempo foram silenciadas e invisibilizadas, criam tramas e tessituras para espalharem outros olhares sobre a maternidade e sobre a mulher negra.

## 6 REFERÊNCIAS

- BARROS, Zelinda. Feminismo negro na internet: ciberfeminismo ou ativismo digital? 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/1497162/Feminismo\\_negro\\_na\\_Internet](https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet). Acesso em: 20 jul. 2023.
- BRUNER, Jerome. A construção narrativa da realidade. Trad: Waldemar Ferreira Netto. **Critical Inquiry**, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.
- DANNA, Marilda Fernandes; MATOS, Maria Amélia. **Aprendendo a observar**. São Paulo: Edicon, 2006. 176 p.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. 313 p.
- EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia**: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Editora da UFPB; Idéia, 2005.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, [s.l.], v. 1, p. 26-46, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo**: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. Geledés, 2021, por Morgani Guzzo. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/?gclid=CjwKCAjw3cSSBhBGEiwAVII0Z1MaDbwgiCXCZKw3wHgGJ7OUBuuHYJggyOoO3e6aVawP4l0ZNdrxoBoCFnEQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/?gclid=CjwKCAjw3cSSBhBGEiwAVII0Z1MaDbwgiCXCZKw3wHgGJ7OUBuuHYJggyOoO3e6aVawP4l0ZNdrxoBoCFnEQAvD_BwE). Acesso em: 20 jul. 2023.
- EVARISTO, Conceição. **Da construção de Becos**. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, p. 5 - 8, 2017.
- FERNANDES, N.C. **Mulheres negras e o espaço virtual**: novas possibilidades de atuações e resistência. Cidade: Editora, p. 132-142, 2019.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004. 90 p.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 22, p. 935-952, 2014.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990. 304 p.
- MOREIRA, Luisa Prado Afonso. **Pobreza menstrual no Brasil**: diagnóstico e alternativas., 131 p. 2021.

NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. Mulherismo Africana:práticas na diáspora brasileira. **Currículo sem fronteiras**, [s.l.], v. 19, n. 2, p. 595-608, 2019.

OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Escrevivências em rede: o feminismo negro nas redes sociais. In: Seminário Nacional de Sociologia da UFS, 1, 2016, São Cristóvão, SE. **Anais** [...]. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS, 2016. p. 810-823. Disponíveis em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12873/2/escrevivenciasRedeFeminismoNegro.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies**. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series, v. 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes. Paulo: UNESP, 2009, p. 67-75.

RECUERO, R.. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

SILVA, M.L. da. **Das ruas ao ciberespaço: ativismo e ciberativismo de mulheres negras**. Redenção; Tese de Doutorado. 2019. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2035>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SIMONINI, E. A alegria subversiva de devir criança. **Momento diálogos em educação**, v. 28, p. 11-25, 2019.

Senado Notícias. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/07/bolsonaro-veta-distribuicao-de-absorventes-a-estudantes-e-mulheres-pobres>. Acesso em: 20 jul. 2023.